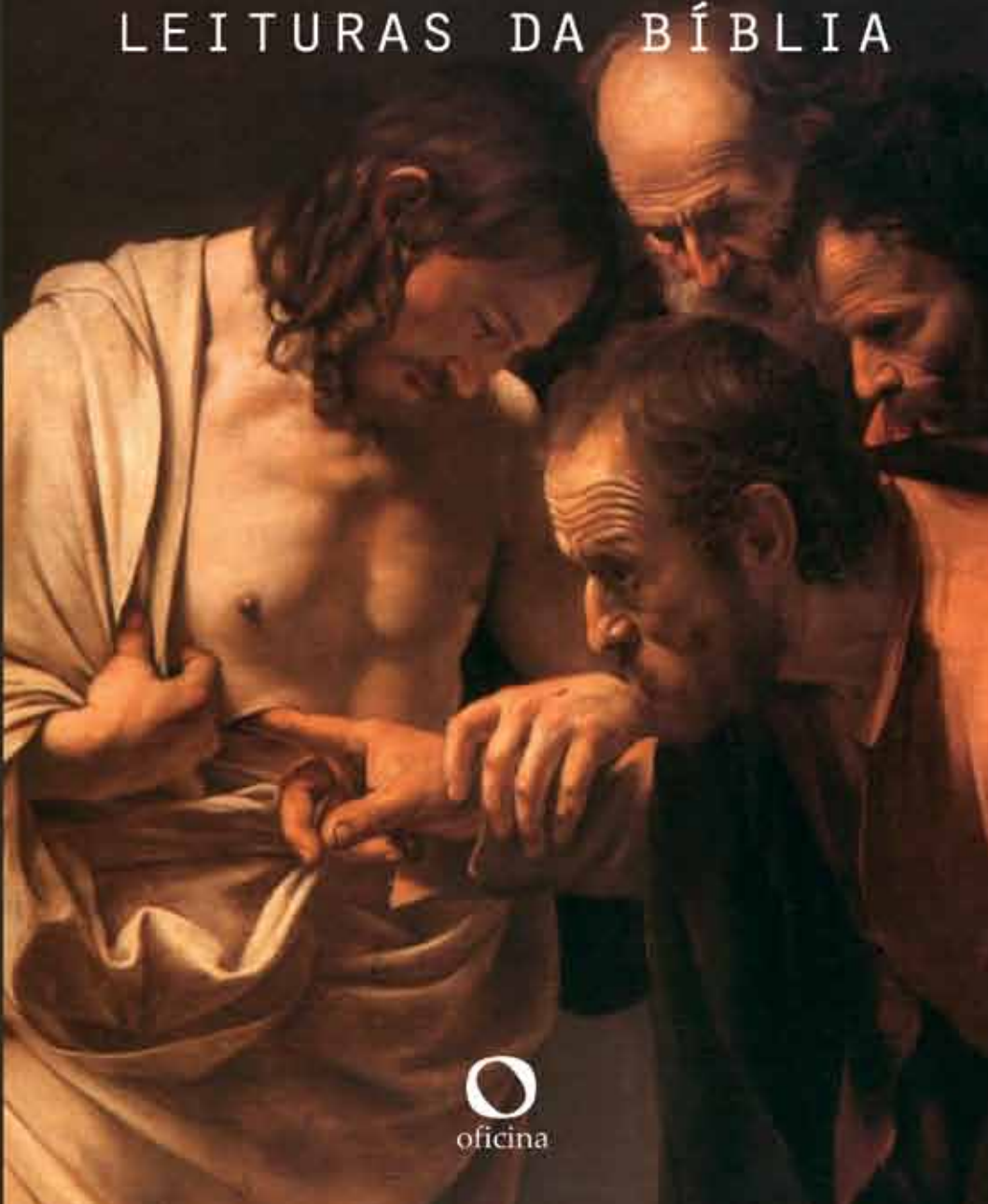


FREDERICO LOURENÇO

O LIVRO ABERTO

LEITURAS DA BÍBLIA



© Frederico Lourenço, 2015

© Oficina Raquel, 2017

O autor é representado por Bookoffice (<http://bookoffice.booktailors.com/>)

EDITORES

Raquel Menezes e Luis Maffei

REVISÃO E PREPARAÇÃO

Luis Maffei

CAPA

Thiago Antônio Pereira

IMAGEM DA CAPA

A Incredulidade de São Tomé, de Caravaggio (1599)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista (jcbaptista@gmail.com)



www.oficinaraquel.com
oficina@oficinaraquel.com
facebook.com/Editora-Oficina-Raquel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lourenço, Frederico
O livro aberto : leituras da Bíblia / Frederico Lourenço. –
Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2017.
143 p.

Bibliografia
ISBN: 978-85-9500-006-3

1. Bíblia – Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia – Leitura
I. Título

17-0915

CDD 220.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia : Crítica e interpretação

Sumário

Prefácio	11
1. A palavra infalível de Deus.....	15
2. Ler a Bíblia.....	21
3. Um buraco na parede.....	25
4. A visão de Ezequiel.....	30
5. Inventando o presépio.....	35
6. O poema da vida de Cristo.....	40
7. Um problema de tradução em São Paulo	47
8. O prepúcio do coração.....	52
9. O escravo e a sombra.....	57
10. O Abusador (da paciência) de Jó.....	61
11. Para lá da vaca vermelha.....	65
12. Deus.....	70
13. A voz do noivo	74

14. Apocalipse	78
15. Um grego chamado Salomão	82
16. “Sou negra – mas bela”	86
17. Ester	90
18. O paradoxo	94
19. Sementes do futuro.....	98
20. Papos de anjo.....	102
21. Outro Salomão	106
22. Aos tropeções na leitura dos evangelhos	111
23. Seguir Jesus.....	116
24. Especificidades do evangelho de João.....	120
25. Sepultar Jesus (em três etapas).....	124
Apêndice.....	131
Bibliografia	141

E a voz, que ouvi lá do céu, falou-me de novo e disse: “vai, toma o livro aberto na mão do anjo que está de pé sobre o mar e sobre a terra”.

APOCALIPSE 10: 8-9

para
André Nassife

Prefácio

A Bíblia pode ser lida de muitas maneiras. Pode ser lida com os olhos da fé, leitura essa assente na premissa de que o livro transmite ao leitor a própria palavra de Deus (ou, se não se quiser ir tão longe, pelo menos uma palavra divinamente inspirada). Independentemente, porém, da questão da fé, a Bíblia pode ser lida como o mais fascinante livro alguma vez escrito; um texto que, no seu melhor, é de riqueza inesgotável, de ímpar magnificência expressiva, e onde encontramos do mais arrebatador e do mais comovente que a mente humana alguma vez terá conseguido imaginar. Para que fique bem claro: a perspectiva, sob a qual as reflexões que compõem este livro foram concebidas, não é religiosa. Não escrevo como seguidor de nenhuma das religiões implicadas no texto da Bíblia – judaísmo e cristianismo –, embora respeite ambas (e sinto, não obstante ter sido edu-

cado na religião católica, uma simpatia pronunciada pela tradição judaica). Não sendo, todavia, de um ponto de vista religioso (cristão ou outro) que aqui escrevo sobre a Bíblia, também não escrevo sob um prisma irreligioso: sou sensível (diria mesmo hipersensível) ao apelo do Divino. Sinto-me, contudo, na obrigação de explicitar a minha convicção de que Deus, existindo, terá de corresponder a uma Realidade muito diferente daquela que partilha o Seu nome, tanto no Antigo, como no Novo Testamento. Já agora, ainda no que toca ao Novo Testamento, gostaria de clarificar o seguinte, dizendo que acredito ter existido um homem real chamado Jesus, que não nasceu em Belém (pelas razões que adiante se verão), mas que foi de fato crucificado em Jerusalém na década de 30 do século I da era cristã. E não tenho nenhum problema em afirmar que, pessoalmente, considero Jesus de Nazaré a figura mais admirável de toda a história da Humanidade. Sinto-me também compelido a reconhecer uma falha e a sublinhar uma mais-valia. A falha diz respeito ao fato de eu não ter suficientes conhecimentos da língua hebraica para poder ler de forma direta o texto original do Antigo Testamento. A mais-valia consiste no fato de, em jeito de contrapartida, eu conseguir ler sem dificuldades o grego em que foi escrito o Novo Testamento e, ainda, o grego em que foi redigida a chamada “Bíblia dos Setenta” (*Septuaginta*), na qual encontramos o texto do Antigo Testamento sob uma forma ligeiramente diferente da que existe em hebraico, sem que se possa afirmar taxativamente se a tradução grega, nas suas divergências relativamente ao original semítico, não se terá baseado em versões um pouco diferentes do texto original antes de este se ter fixado na forma hoje conhecida. Os livros do Antigo Testamento, na sua versão

PREFÁCIO

grega, constituíram a Bíblia dos primeiros cristãos, assim como a Bíblia de toda a tradição patrística grega. É um texto que, na minha opinião, não deve desaparecer do horizonte atual de discussão sobre temas bíblicos.

1.

A palavra infalível de Deus

Acreditarmos que a Sagrada Escritura nos dá a ler a palavra infalível de Deus implica abdicar do pensamento crítico individual? É certo que, nas eleições para o parlamento britânico em 2015, um grupo islâmico de feição extremista fez campanha para dissuadir os muçulmanos ingleses de exercerem o seu direito de voto, com base na ideia de que votar é intrinsecamente “não-islâmico”, porque só Deus tem poder legislativo e as leis, a que os fiéis devem obedecer, são apenas aquelas que estão plasmadas na palavra de Deus. De forma análoga, no século XIX, também o Papa Leão XIII apelou aos católicos que boicotassem as eleições para o parlamento italiano, insistindo que ocupar um cargo político resultante de tais eleições era incompatível com a prática da fé católica. Ora, este papa (o culto e aristocrático Vincenzo Pecci, que tomou o nome de Leão XIII) foi também um dos

pontífices que se preocupou com a definição explícita, para bem dos crentes, daquilo que devemos entender por “palavra de Deus”. Esta sua encíclica, intitulada *Providentissimus Deus*, foi traduzida para português em 1903 pelo então director da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra (faculdade essa de que a atual Faculdade de Letras é filha), o Dr. Luís Maria da Silva Ramos. No capítulo 17, lê-se que Deus é “o único autor dos Livros sagrados”, pelo que se deve rejeitar “como inepta e falsa aquela interpretação que de qualquer modo torne contraditórios entre si os autores inspirados”. O problema é que não é fácil seguir o ditame do papa Leão XIII, pois a Bíblia está cheia de contradições internas, começando logo pelo livro de Gênesis, onde a um primeiro relato da criação do mundo em sete dias se segue um segundo relato (a partir de Gênesis 2: 4) que contradiz flagrantemente o primeiro. Ao lermos Gênesis 2: 5 (“ainda não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda”) só podemos dar um salto na cadeira, atendendo ao que lêramos há instantes em Gênesis 1: 11-12: “a terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto...” (Sublinhe-se que estas questões não constituem qualquer novidade: já foram identificadas e debatidas no século XVIII por estudiosos como o alemão H. B. Witter e o francês Jean Astruc.)Para muitos leitores hodiernos (inclusive crentes) da Bíblia, abordar este extraordinário livro – por vezes contraditório, muitas vezes incômodo – implica não levar à letra cada frase que nele lemos. Continua, porém, a haver crentes (sobretudo os que pertencem às novas igrejas cristãs que se multiplicam hoje no mundo) que insistem na veracidade infalível de cada palavra que está na Bíblia. Mas serão só as seitas evangélicas e

batistas nos estados americanos do *Bible Belt* ou no Brasil que tal afirmam? Não. Se compulsarmos a Constituição Dogmática oriunda do 2º Concílio do Vaticano intitulada *Dei Verbum*, leremos que “se deve acreditar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Letras” (*Dei Verbum* 11). Uma das grandes questões a confrontar os leitores pós-modernos da Bíblia que querem alisar os tremendos problemas que a leitura literal levanta é que nenhum autor de nenhum dos livros da Bíblia o escreveu com a intenção de NÃO ser levado à letra. Quando Lucas nos dá o seu relato (que ele não sabia ser historicamente inverosímil) do nascimento de Jesus, não o fez para nós lermos nele acima de tudo o seu encanto poético: fê-lo para ser tomado à letra como verdade que lhe foi transmitida com origem em testemunhas oculares, como se lê logo no início do seu evangelho. Este fato é tão incômodo tanto para crentes como para não-crentes, mas não vale a pena fintá-lo: nenhum livro da Bíblia foi escrito para ser relativizado e lido *cum grano salis*; foi escrito, isso sim, para ser lido à letra. Claro que isto levanta problemas quando somos confrontados com um texto como o Cântico dos Cânticos, que obviamente não foi escrito como texto religioso para um dia figurar num livro sagrado, mas como simples epitalâmio erótico. Por incrível ironia da História, a este texto supremamente profano deu-se (por razões que desconhecemos) uma augusta autoria (Salomão, nada menos) e a legitimidade de uma leitura alegórica. Mas isso não altera a realidade da sua essência não-sagrada. Além de que, se o velho Salomão, que terá vivido no século X a. C., voltasse hoje à terra ficaria decerto espantado com esta atribuição

à sua pessoa de um texto escrito mais de 500 anos depois da sua morte (um pouco como o cronista medieval Fernão Lopes ficaria espantado se voltasse à terra e visse que lhe atribuíamos a autoria do *Memorial do convento*). Mas que o velho rei Salomão, regressado ao mundo dos vivos, se encantasse com a leitura do texto do Cântico dos Cânticos (partindo do princípio incerto de que ele sabia ler) é uma possibilidade que podemos deixar em aberto. É, de fato, um texto deslumbrante. De qualquer forma, também é certo que Deus não é interveniente direto no Cântico dos Cânticos, portanto não se coloca nesse livro o problema de a sua palavra, literalmente reportada, ser ou não infalível. Mas esse não é o caso em muitos outros livros da Bíblia que nos reportam as próprias palavras proferidas por Deus. Quando, no livro de Números, se refere o caso do pobre desgraçado que foi encontrado a apanhar lenha em dia de sábado, lemos: “Então o Senhor disse a Moisés: ‘esse homem será morto. Toda a assembleia o apedrejará, fora do acampamento’. De fato, toda a assembleia o fez sair para fora do acampamento, apedrejando-o, e foi morto, como o Senhor ordenara a Moisés” (Números 15: 35-6). Esta passagem (e tantas outras) do livro de Números apresenta-nos, como sucede frequentemente no texto do Antigo Testamento, o alegado registo das próprias palavras de Deus. No Novo Testamento, onde somos convidados a aceitar que Deus fala preferencialmente pela boca de Jesus, são raros os momentos em que “ouvimos” as palavras diretas de Deus. Um desses momentos ocorre no episódio em que Jesus é batizado por João Batista. A voz divina diz lá do céu “este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado” (Mateus 3: 17). Mas serão estas as palavras infalíveis de Deus?

No evangelhos de Marcos e de Lucas, a voz divina já não parece falar *urbi et orbi*, mas antes somente para Jesus, dizendo “Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado” (Marcos 1: 11; Lucas 3: 22). Quando o mesmo episódio é relatado no 1º capítulo do evangelho de João, aí a voz divina remete-se ao silêncio, optando por dizer literalmente nada. O quarto evangelista reporta, no entanto, as palavras que o Batista diz ter ouvido da parte de “quem me enviou a batizar com água” (João 1: 33), palavras essas que, no entanto, lhe eram dirigidas só a ele (e são totalmente diferentes das reportadas por Mateus, Marcos e Lucas). Acreditar, como nos diz a Constituição Dogmática do 2º Concílio do Vaticano, que a Bíblia nos transmite “sem erro” a palavra de Deus é evidentemente uma opção livre de cada um. Na nossa sociedade democrática ocidental, sou livre de acreditar no que eu quiser. Ao fazer compras no shopping, posso optar por não comprar a camisa feita com mistura de algodão e de linho com base na proibição bíblica de se vestir roupas feitas a partir de materiais diferentes (Levítico 19: 19). Pessoalmente não gosto de tatuagens, mas se gostasse e acreditasse que a Bíblia transmite a palavra infalível de Deus, teria de equacionar o risco de infringir essa palavra que as proíbe explicitamente (Levítico 19: 28). Também não vou abdicar de comer faisão (cf. Levítico 11: 19) e, apesar de saber que “se um homem coabitar sexualmente com um varão, serão os dois punidos com a morte” (Levítico 20: 13), não é por isso que me vou separar do meu marido. Mais importante ainda: mesmo não acreditando que a Bíblia transmita “sem erro” a palavra infalível de Deus e duvidando, ao mesmo tempo, que a correta leitura da Bíblia seja relativizar e alegorizar tudo o que lá encontramos que não nos

convém, mesmo assim considero o tempo gasto a ler este mais fascinante de todos os livros tempo ganho e (por que não?) infalivelmente bem empregue.